

Comunicação, interpretação e simbolização no/para o Rorschach (*)

MARIA EMÍLIA MARQUES (**)

I. INTRODUÇÃO

1. O nosso propósito consiste em discutir *para/no* Rorschach o conceito **simbolização**, por ser um bom organizador para a compreensão e formulação do **processo-resposta Rorschach**. Dizemos discutir *para/no* Rorschach o conceito simbolização, dado que, antes de estabelecermos a sua utilidade e utilização no Rorschach, teremos de proceder à sua revisão teórica.

Através das três palavras escolhidas para o título – *comunicação, interpretação e simbolização* – aparece, desde logo, consagrado o que de mais fundamental nos parece caracterizar o processo-resposta Rorschach, que, de uma forma sucinta e inicial, a ver como inter-ligada, podemos explicitar da seguinte maneira:

- A noção *comunicação* permite-nos sublinhar que a resposta Rorschach pode ser entendida como o resultado de uma comunicação que ocorre entre as várias partes do sujeito, mas também como o resultado de uma comunicação entre o sujeito e a situação projectiva considerada no seu todo. Esta comunicação opera através do estabelecimento de elos de **ligação**, que, através da reunião e da conciliação implicam a

transformação e permitem que os objectos sejam colocados uns dentro dos outros, pela *relação continente-conteúdo*.

- A noção *interpretação* pode ser usada para explicitar a natureza do processo-resposta Rorschach, dado que proceder a uma interpretação, dar uma resposta, criar uma imagem no Rorschach implica e impõe o recurso à *projectão*. O processo-resposta Rorschach pode ser concebido através da noção *projectão*, tomada no seu sentido mais amplo, a qual contém também a relação com a *identificação projectiva*. Através da *projectão* podemos entender o processo de dar um sentido, um significado a uma mancha. Tal sentido é determinado subjectivamente, através das *passagens que vão da dispersão à integração, da deformação à coloração, da falha ao símbolo, da desligação à ligação e da transformação à criação e simbolização*.

Sempre que um sujeito se encontra em qualquer situação interpessoal, impõe-se uma mudança psíquica que visa restaurar o equilíbrio, que se opera pelo estabelecimento de **novos significados**, fundados na **intersubjectividade**.

- A noção *simbolização* permite-nos estabelecer como é que um objecto externo, – a situação Rorschach como situação interpessoal e intersubjectiva, donde, disruptiva impõe, por um lado, o recurso ao símbolo, e pode, por outro lado, ser considerada como um símbolo em si –, vê ampliado o seu significado – visível nas respostas Rorschach – por causa das concepções do

(*) Artigo elaborado a partir de uma comunicação apresentada no 7.º Colóquio de Psicologia Clínica, Lisboa, ISPA, 1995.

(**) Psicóloga Clínica. Assistente, ISPA.

mundo interno dos sujeitos que podem também ser consideradas símbolos.

Mas é ainda através da simbolização que nos podemos aperceber das passagens que operam entre as diversas partes do Eu, entre o dentro e o fora, entre o Eu e o objecto, por forma a poder aceder-se a um «novo objecto», a resposta Rorschach, a ser considerada como nascida desses confrontos e passagens.

Para conter estas explicitações impõe-se uma clarificação sobre as formas e funções, mas também as finalidades do símbolo, isto é, impõe-se o recurso às noções *identificação* e *substituição*. Mas impõe-se igualmente considerar a simbolização como um operador fundamental dos processos mentais envolvidos em qualquer situação disruptiva, que obriga a uma actividade de **ligação, transformação e criação**.

2. Este trabalho visa, fundamentalmente, atingir dois objectivos cruzados e articulados entre si, que são de natureza essencialmente metodológica. Por um lado, tendo presente o lugar, estatuto e especificidade dos instrumentos em Psicologia Clínica, estabelecer melhores condições de acesso ao conhecimento da realidade psicológica dos sujeitos que são objecto de estudo da Psicologia Clínica – compreendendo-se aqui, também, as suas particularidades de expressão do funcionamento normal e não só do patológico. Por outro lado, a partir dos modelos teóricos estabelecidos, poder enriquecer a sensibilidade dos instrumentos de que dispomos em Psicologia Clínica, no caso o Rorschach, para aceder a modalidades de expressão mais amplas, através de mais elementos interpretativos.

Sendo o Rorschach classicamente encarado como um instrumento que visa aceder ao diagnóstico, fundando-se, para tal, em concepções essencialmente psicopatológicas, consideramos, no entanto, mais importante estabelecer os **processos** envolvidos na **elaboração da resposta Rorschach**. Esta nossa concepção visa tornar possível o seu uso como instrumento que permite revelar os *processos mentais que fundam e expressam as relações de objecto, as relações com o objecto*: a relação de sujeito a/com objecto, mas também de sujeito a/com sujeito e de objecto a/com sujeito. Interessa-nos estabelecer, através do Rorschach, as características da realidade psíquica, sem as quais não é possível perce-

ber a realidade externa, já que esta realidade é percebida sempre subjectivamente, isto é, a sua apreensão faz intervir a subjectividade, e portanto a singularidade.

O Rorschach pode constituir-se como um instrumento que acede ao conhecimento das características da realidade psíquica, das propriedades e qualidades da mente. Através das respostas Rorschach pode-se ver o resultado de um *processo*, de um trabalho de *ligação* entre o interno e o externo, de ligação entre a objectivação e a subjectivação, ligação que impõe e revela o nível de *diferenciação* entre sujeito/objecto, *diferenciação* entre interior/exterior, a partir da qual age um trabalho de *transformação* que faz com que a resposta contenha elementos do interno e do externo, mas *ligados e recriados*. O processo-resposta Rorschach revela e expressa a forma como os objectos se podem separar, reunir e assimilar, para depois, de novo, se poderem separar e recriar.

Os contributos do pensamento kleiniano e pós-kleiniano são inestimáveis para uma compreensão dos processos mentais que actuam no interior do sujeito, e que constituem a sua realidade interior, mas também dos processos mentais em jogo na separação, ligação, transformação e recriação entre a realidade interna e a realidade externa.

Nalguns trabalhos nossos temos tido a preocupação em explicitar como é que alguns desses processos mentais são passíveis de expressão no Rorschach (Marques, 1994 e 1995). A actividade mental implicada na situação projectiva pode ser encarada na dupla pertença à objectivação e à subjectivação e, através do processo-resposta Rorschach, pode-se ver operar um trabalho de transformação, ligação e recriação entre o interno e o externo, que, através da projecção, impõe e faz emergir a expressão da *simbolização* e portanto do *pensamento*.

Nesta comunicação iremos, então, aprofundar a noção de *simbolização*, procurando estabelecer, a partir dos modelos teóricos existentes, o seu uso e aplicação no Rorschach, de forma a melhor aceder ao conhecimento da realidade psíquica dos sujeitos psicológicos.

II. SIMBOLISMO E SIMBOLIZAÇÃO

Estas noções aparecem ligadas a uma multiplicidade de sentidos e de utilizações, fundamentalmente ligadas à linguagem, destacando-se os usos do Estruturalismo e da Psicanálise, e veiculam a concepção, que é mais ou menos consensual, que todo o indivíduo se insere sempre num sistema simbólico, ocupando as imagens, os conceitos e a linguagem um lugar primordial.

Se nos reportarmos à Psicanálise, verificamos que as concepções foram evoluindo e ampliando-se, passando de uma centração sobre o simbolismo e os símbolos, do seu valor e formação, até às formulações sobre a natureza dos processos mentais envolvidos no crescimento, usando-se, então, para tais formulações, a simbolização. Uma e outras formulações não se anulam, visam aceder a explicitações diversas: na linha freudiana encontramos toda a importância dos símbolos e do simbolismo como via de expressão, mas também de acesso ao inconsciente, enquanto na escola inglesa de psicanálise, na linha do pensamento kleiniano, vamos encontrar uma atenção grande à formação dos símbolos e à simbolização para estabelecer a natureza da constituição e da relação de objecto(s).

Freud, em *Estudos sobre a Histeria* (1895/1981), formula uma explicitação do determinismo associativo e simbólico dos sintomas. Em Freud, ainda, encontramos, em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1981), a explicitação sobre a existência de uma «relação constante» entre o que é manifesto e as suas traduções, relação que veicula sempre a existência de partes comuns a todos os indivíduos e partes que só são do indivíduo. As partes comuns, consideradas de herança filogenética, são designadas por protofantasmas ou fantasmas universais, e são elas, designadamente, a castração e a sexualidade. Com Freud, aceder à simbólica, aceder ao sentido, aceder ao inconsciente e interpretar um sintoma ou um sonho impõe sempre o reconhecimento das tais partes que são universais e comuns a todos os indivíduos (pela interpretação dos símbolos) e das partes que são só do indivíduo (a partir das suas associações).

Lacan foi talvez o autor que levou mais longe a importância do simbolismo, pelo peso acrescido do Estruturalismo no seu pensamento. Introduziu o *simbólico* como eixo fundamental da

sua teoria e técnica, ao considerar que o inconsciente se estrutura como uma linguagem.

Destacamos, nestas abordagens, a aceção de que, apesar de haver múltiplos símbolos, o campo do simbolizado é limitado, importando estabelecer-lo. Ele aparece, então, organizado à volta do corpo, dos parentes, do nascimento, da sexualidade, da morte...

Mas não é só isto que importa, importa também perceber a sua formação, a sua dinâmica e a sua evolução, bem como a sua finalidade. O que de mais importante aparece a estabelecer a dinâmica, a evolução e a finalidade do simbolismo passa pelas noções **formação substitutiva** (ou *deslocamento*) e **identificação** e conduz às noções de **criatividade e simbolização**, sendo estas duas últimas concepções as que prestam uma maior atenção à formação dos símbolos, através das explicitações ordenadas para a formulação sobre os processos evolutivos.

A simbolização aparece explicitada de várias formas, que vão da sua função e finalidade, até ao seu papel no desenvolvimento. Aparece, assim, como a necessidade de deslocar ou substituir para/por novos objectos, com vista a afastar a ansiedade, aparecendo então, por exemplo em Klein (1929/1978 e 1930/1978), assimilada à concepção de estratégia defensiva pelo medo da retaliação. Aparece explicitada como capacidade e imperativo evolutivos, que funda a diferenciação progressiva entre mundo interno e mundo externo em Segal (1955 e 1957/1988). Aparece a explicitar a possibilidade de aceder a um pensamento consciente e predominantemente verbal em Money-Kyrle (1968), desintoxicado, alfabetizado, isto é, submetido pela função alfa em Bion (1962/1979 e 1967/1983). Aparece ainda ligada à concepção de criatividade, em Freud, através da noção de *sublimação*, em Klein através do recurso à noção de *reparação*, ou então apresentada como a necessidade em estabelecer uma *relação com a realidade* (Jones, 1916), base da *compreensão com o mundo* (Milner, 1987/1991).

Em todas estas concepções sobressai sempre uma noção, a *identificação*, como sendo a base da formação do símbolo e da simbolização. Através da identificação acede-se à explicitação de que quer o simbolismo, quer a formação do símbolo e a simbolização pressupõem a identificação de um objecto com outro, a necessidade de

encontrar o familiar no que não o é. Para tal, e segundo Ferenczi (1912), essa identificação nasce do esforço em redescobrir em cada objecto os próprios órgãos e o seu funcionamento. Winnicott (1971/75) refere que aceder a novos objectos é reencontrá-los. Milner (1987/1991) discute que essas identificações básicas, que tornam possível encontrar novos objectos, requerem a capacidade de tolerar uma perda temporária do Eu, o que a leva a usar a noção «momento estético», de Berenson, que dá conta do instante fugidio em que o sujeito e objecto comunicam e são uma entidade única.

III. O PROCESSO-RESPOSTA RORSCHACH

Parece-nos legítima a utilização do organizador simbolização para melhor explicitar o processo-resposta Rorschach, que mais não seja porque o material com o qual lidamos é, em primeira instância, um material verbal que veicula uma imagem, um conceito, um símbolo, podendo, portanto, enquanto tal, ser analisado. Mas há mais razões, mais fundamentais e fundamentais.

A situação projectiva tomada no seu conjunto – contexto e relação interpessoal onde ocorre, por um lado, e, por outro lado, as características do estímulo e a instrução dada – conduz à *resposta Rorschach*, que nos é comunicada sob a forma de imagem-conceito, merecendo, por isso, a designação de *símbolo*.

O confronto do sujeito na/com a situação projectiva obriga a uma mudança psíquica. Tal confronto pode ser conceptualizado com o recurso à noção de *mudança catastrófica*, tal como é explicitada por Bion (1966): quando surge uma «ideia nova», uma situação desorganizante que contém força de disrupção, sendo portanto vivida subjectivamente como algo brusco e doloroso – no caso do Rorschach é a situação interpessoal e o carácter ambíguo e sem um significado preciso das manchas e da tarefa que abre uma (in)finitude de significados –, impõe-se um processo de ligação e transformação ordenado pela projecção, que obriga à simbolização, mas também obriga e revela o pensamento.

A *situação Rorschach* deve então ser concebida não só como mobilizadora do conjunto de atitudes defensivas habitualmente usadas face à

emergência de angústia, mas também como obrigando a *identificar o objecto*, a mancha Rorschach, *de maneira simbólica*, com uma coisa diferente, dando lugar à *imagem-conceito Rorschach*. Tal processo opera na passagem da *equação simbólica à representação simbólica*, para usar a explicitação de H. Segal (1955 e 1979/1988). Esta actividade de nomeação e criação de imagem implica que se operem passagens entre o dentro e o fora, entre a dispersão e a integração, passagens que podem ser explicitadas com o recurso à *projectão*.

A projecção é habitualmente encarada como uma actividade que consiste em expelir objectos internos, ou partes do Eu, para o mundo externo, visando reduzir o conflito interno, contendo portanto a marca da negação e mesmo da alienação; mas a projecção também pode ser encarada como um processo inerente e fundamental ao desenvolvimento e à maturação, presidindo à separação, organização e ligação do interno e externo e possibilitando a recriação dos dois mundos, processo este ordenado pela *simbolização*.

O sujeito, na situação projectiva, ao confrontar-se com impressões sensoriais que, embora ordenadas pelas percepções, não têm um significado preciso, com as manchas, converte-as em pensamentos utilizáveis, comunicáveis, em palavras. Joga-se aqui a actividade elementar, mas complexa, de pensar, actividade que conduz e revela a *representação simbólica*, actividade de ligação, por excelência, do interno com o externo, do sujeito com o objecto, das experiências anteriores com as actuais (Segal, 1955 e 1979/1988), num processo contínuo de *união* e de *integração*. O confronto com o Rorschach na situação projectiva, exige um trabalho de ligação, união e integração que decorre da relação com o objecto externo, o qual, porque possui certas qualidades físicas e psíquicas, suscita, no sujeito, a capacidade de *pensar*.

Com o recurso à noção de *reparação*, explicitada por M. Klein (1937/1981), podemos continuar a conceptualização sobre a compreensão da relação que se estabelece com a situação-Rorschach. A situação Rorschach contém elementos de desestabilização, pelo que cada sujeito deve, então, entregar-se a um trabalho psíquico que visa restaurar a completude e a coerência do objecto (interno e externo). Ao fazê-lo, pode revelar-se, também, o trabalho de

busca e criação de novos objectos, o que nos remete para as noções de *reparação simbólica*, Houzel (1991), ou *formação de símbolo*, Segal (1955 e 1979/1988), ou mesmo de *objecto transcendental*, Grotstein (1993).

É possível ver, então, se há, ou não, relação, mas relação simbólica, entre a imagem Rorschach – nominação –, a *resposta* Rorschach – conceito que nomeia a mancha ou símbolo – e o *objecto percebido*, a mancha, *relação simbólica* que pode revelar também a criação de um «novo objecto».

Quando o sujeito consegue transformar em palavra a impressão sensorial percebida, essa palavra merece-nos a designação de símbolo; quando há coincidência, mas também recriação do objecto, torna-se patente uma actividade elementar, que tem implícito o encontro entre o dentro e o fora, o passado e o presente, encontro que permite revelar o nível de separação mas também de *ligação* entre o objecto interno e o objecto externo, objectos separados e ligados pela «*membrana de contacto*», noção na proximidade da de Bion (1962).

No Rorschach, o sujeito ao figurar um objecto através da actividade de nominação, ao criar uma imagem, entrega-se a uma actividade de «jogo», a uma actividade de criação e de recriação que surgiu a partir do confronto que produziu um impacto emocional importante e que levou ao encontro, reencontro, reformulação e refundição, isto é, *transformação* do interno e do externo.

No Rorschach, é através das *relações que existem entre percepção e identificação projectiva*, que nos é possível perceber a natureza do processo que conduz ao dar significado e ao recriar as relações com o próprio e com o outro. Dar significado, estabelecer as relações, ligações e transformações entre o objecto interno e o objecto externo é a base da empatia que funda o conhecimento. A identificação projectiva, usada como mecanismo normal, e obrigatória na situação Rorschach, é governada pela formação de símbolos, é constitutiva do sentido, e do não-sentido, e tem valor de comunicação entre as diversas partes do Eu, mas também entre sujeito e objecto, possibilitando a criação de «novos objectos».

A resposta Rorschach poderá ser considerada como um processo de *formação de símbolo*, que decorre da actividade de *pensar*, mas que tam-

bém sustenta essa possibilidade, que se impõe como tarefa ao sujeito confrontado com uma situação catastrófica, a situação Rorschach, situação de violência, de subversão, visando a estabilização do mundo psíquico, visando a coerência, a união, e a integração e também a comunicação.

As imagens que o sujeito nos fornece, formuladas em palavras, são, então, consideradas como o produto de transformação de pensamentos e emoções que se referem à situação Rorschach, como situação presente, mas também às situações passadas, que se referem à situação externa, mas também interna, das quais são, também, transformações.

Quando o sujeito, submetido à situação Rorschach, consegue tolerar essa situação catastrófica, vê-se, então, como é que ele pode usá-la, isto é, como é que ele usa o pensamento, através da *comunicação, interpretação e simbolização*, podendo-se aceder à natureza do sujeito.

BIBLIOGRAFIA

- Bion, W. R. (1962). *Aux sources de l'expérience*. Paris: P.U.F., 1979.
- Bion, W. R. (1966). Catastrophic change. *Scientific Bulletin of the British Psychoanalytical Society*, 5.
- Bion, W. R. (1967). *Réflexion faite*. Paris: P.U.F., 1983.
- Ferenczi, S. (1912). Symbolism. *Imago*, 1, 276-284.
- Freud, S. (1885). Estudios sobre la histeria. In *Obras Completas, Tomo I (1905-1973)* (pp. 39-168). Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1981.
- Freud, S. (1900). La interpretación de los sueños. In *Obras Completas, Tomo I (1905-1973)* (pp. 343-754). Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1981.
- Grotstein, J. S. (1993). *Towards the concept of the transcendent position: reflections on some of «the unborns» in Bion's «cogitations»*. Comunicação apresentada na Conferência «Understanding the Work of W.R.Bion», L.A.
- Houzel, D. (1991). Identification introjective, réparation, formation du symbole. *Journal de la Psychanalyse de l'Enfant*, 11, 46-72.
- Jones, E. (1916). The theory of symbolism. *British Journal of Psychology*, 9, 181-229.
- Klein, M. (1929). Les situations d'angoisse de l'enfant et leur reflet dans une oeuvre d'art et dans l'élan créateur. In *Essais de Psychanalyse (1921-1945)* (pp. 254-262). Paris: Payot, 1978.

- Klein, M. (1930). L'importance de la formation du symbole dans le développement du moi. In *Essais de Psychanalyse (1921-1945)* (pp. 263-278). Paris: Payot, 1978.
- Klein, M. (1937). Love, guilt and reparation. In Money-Kyrle (Ed.), *Writings of Melanie Klein, Vol. I* (pp. 306-343). London: Hogart Press, 1981.
- Marques, M. E. (1994). Do desejo de saber ao saber do desejo: contributos para a caracterização da situação projectiva. *Análise Psicológica*, 12 (4), 431-439.
- Marques, M. E. (1995). The Rorschach as a process of transformation of the perception to the image: toward a characterization of the Rorschach response-process. In *Proceedings Books do XIV Congresso Internacional de Rorschach* (pp. 699-705). Porto: S.P.R.
- Milner, M. (1987). *A loucura suprimida do homem são*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- Money-Kyrle, R. (1968). Cognitive development. In *Inter. Journal of Psychoanalysis*, 49, 691-698.
- Segal, H. (1955). Notas sobre a formação dos símbolos. In E. Spillins (Ed.), *Melanie Klein Hoje, Vol. I* (pp. 167- 184). Rio de Janeiro: Imago, 1979/1988.
- Winnicott, D. W. (1971). *Jeu et réalité*. Paris: Gallimard, 1975.

RESUMO

Com o recurso às concepções sobre simbolização e ao estabelecer-se uma assimilação entre processos mentais e processo-resposta Rorschach é possível aceder à compreensão e expressão desses processos.

Ao discutir, por um lado, teóricamente as concepções que se prendem com a simbolização, e, por outro lado, ao discutir as concepções que se prendem com a técnica Rorschach, apresenta-se uma con-

ceptualização sobre o processo-resposta Rorschach, que permite, pela coerência e convergência entre teoria e metodologia, aceder aos processos mentais constitutivos e construtivos do sujeito psicológico.

RESUME

À partir des conceptions sur la symbolisation et en établissant une assimilation entre processus mentaux et processus-réponse Rorschach, c'est possible d'accéder à la compréhension et à l'expression de ces processus.

En discutant théoriquement, d'une part, les conceptions liées à la symbolisation, et, d'autre part, les conceptions liées à la technique Rorschach, se formule une conceptualisation sur le processus-réponse Rorschach qui permet, de par la cohérence et la convergence entre théorie et méthodologie, d'accéder aux processus mentaux constitutifs et constructifs de l'être psychologique.

ABSTRACT

With the resource to the conceptions on symbolization and when it is established an assimilation between mental process and process-reponse Rorschach it is possible to accede to the understanding and expression of those processes.

Through the theoretical discussion, on one hand, of the concepts symbolization and, on the other hand, the concepts used in the Rorschach's technique, it shows a conceptualization of the process-reponse Rorschach, which allows, by the coherence and convergence between theory and methodology, to accede at mental processes constitutive and constructive of the psychological subject.